

GULLANE,
WARNER BROS. PICTURES E
EMPYREAN PICTURES
apresentam

BINGO – O REI DAS MANHÃS

Dirigido por Daniel Rezende

Com Vladimir Brichta, Leandra Leal, Cauã Martins,
Ana Lucia Torre, Augusto Madeira e Tainá Müller

PRODUÇÃO
Gullane

PRODUÇÃO ASSOCIADA
EMPYREAN

INVESTIMENTO
BBTVM

PATROCÍNIO
 

COPRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
WARNER BROS. PICTURES
©2017 Warner Bros. Entertainment Inc. All Rights Reserved. 

  

Brasil, 2017

SUMÁRIO

<u>Elenco/Ficha Técnica</u>	<u>pg. 03</u>
<u>Sinopse</u>	<u>pg. 04</u>
<u>Sobre a Produção</u>	<u>pg. 05</u>
<u>Sobre o Elenco</u>	<u>pg. 08</u>
<u>Sobre a Equipe</u>	<u>pg. 21</u>
<u>Sobre os Produtores</u>	<u>pg.36</u>
<u>Patrocinadores</u>	<u>pg.38</u>

• ELENCO

<u>Augusto Mendes/Bingo</u>	<u>VLADIMIR BRICHTA</u>
<u>Lúcia</u>	<u>LEANDRA LEAL</u>
<u>Gabriel</u>	<u>CAUÃ MARTINS</u>
<u>Marta</u>	<u>ANA LÚCIA TORRE</u>
<u>Angélica</u>	<u>TAINÁ MÜLLER</u>
<u>Vasconcelos</u>	<u>AUGUSTO MADEIRA</u>
<u>Peter Olsen</u>	<u>SOREN HELLENRUP</u>
<u>Cláudio Ricardo</u>	<u>RICARDO CICILIANO</u>
<u>Gretchen</u>	<u>EMANUELLE ARAÚJO</u>
<u>Armando</u>	<u>PEDRO BIAL</u>
<u>Aparício</u>	<u>DOMINGOS MONTAGNER</u>

• FICHA TÉCNICA

<u>Diretor</u>	<u>Daniel Rezende</u>
<u>Roteirista</u>	<u>Luiz Bolognesi</u>
<u>Produtores</u>	<u>Caio Gullane</u>
	<u>Fabiano Gullane</u>
<u>Coprodutor</u>	<u>Dan Klabin</u>
<u>Produtor Executivo</u>	<u>Claudia Büschel</u>
<u>Fotografia</u>	<u>Lula Carvalho</u>
<u>Direção de Arte</u>	<u>Cássio Amarante</u>
<u>Produtor de Elenco</u>	<u>Luciano Baldan</u>
<u>Som</u>	<u>Jorge Rezende</u>
<u>Maquiagem</u>	<u>Anna Van Steen</u>
<u>Figurista</u>	<u>Verônica Julian</u>
<u>Direção de Produção</u>	<u>Renata Artigas</u>

SINOPSE LONGA

Dirigido por Daniel Rezende, indicado ao Oscar por “Cidade de Deus” e premiado montador de “Tropa de Elite 2” e “Diários de Motocicleta”, com roteiro de Luiz Bolognesi (“Bicho de Sete Cabeças”, “Uma História de Amor e Fúria” e “As Melhores Coisas do Mundo”) e com fotografia de Lula Carvalho (“As Tartarugas Ninja”, “Robocop”), *Bingo - O Rei das Manhãs* é uma viagem nostálgica e divertida - repleta de ironia e humor ácido - à cultura pop da televisão brasileira dos anos 80.

Inspirado na vida do ator e apresentador Arlindo Barreto, o filme, estrelado por Vladimir Brichta, Leandra Leal, Emanuelle Araújo, Ana Lucia Torre, Tainá Müller, Augusto Madeira e com a participação de Domingos Montagner e Pedro Bial, narra as desventuras de Augusto (Vladimir), um artista que sonha em encontrar seu lugar sob os holofotes e que se depara com sua grande chance ao se tornar “Bingo”, um palhaço apresentador de um programa infantil que é sucesso absoluto no Brasil. Porém, uma cláusula no contrato não permite revelar quem é o homem por trás da maquiagem e Augusto, ou o novo “Rei das Manhãs”, se transforma no anônimo mais famoso do Brasil.

Debochado, o ex-astro de pornochanchadas e agora apresentador conquista a garotada e chega a liderança da audiência nas manhãs ao mesmo tempo em que mergulha em uma vida de excessos, que o afasta de seu filho, a única criança que o conhece de verdade. Uma história incrível - e surreal - ambientada numa roupagem pop e exagerada dos bastidores da televisão dos anos 80.

O filme tem produção de Caio Gullane e Fabiano Gullane da Gullane em associação com Dan Koblin da Empryrean e é coproduzido e será distribuído pela Warner Bros. Pictures.

SINOPSE CURTA

Augusto é um artista que sonha com seu lugar sob os holofotes. A grande chance surge ao se tornar “Bingo”, um palhaço apresentador de um programa infantil na televisão, que é sucesso absoluto. Porém, uma cláusula no contrato não permite revelar quem é o homem por trás da máscara. Augusto, o “Rei das Manhãs”, é o anônimo mais famoso do Brasil. Com muita ironia e humor ácido, ambientado numa roupagem pop e exagerada dos bastidores da televisão nos anos 80, o filme conta essa incrível e surreal história de um homem em busca do reconhecimento da sua arte.

SOBRE A PRODUÇÃO

O que acontece quando um artista, em busca de sua arte, é eclipsado pelo personagem que interpreta? Este é o tema central de *Bingo - O Rei das Manhãs*, comédia dramática livremente inspirada na impressionante história do ator, apresentador e, hoje, líder religioso Arlindo Barreto. Nos anos 1980, ele dominou a audiência da TV brasileira personificando um famoso palhaço. Enquanto isso, poucos sabiam quem realmente era o homem por trás da maquiagem.

“A produção trata de vários assuntos e um deles é a busca pelo reconhecimento, pela celebridade”, analisa o diretor Daniel Rezende, montador pela primeira vez no comando de um longa-metragem. “Essa busca incessante pelo holofote, por encontrar seu espaço como artista embaixo da luz, é um tema muito atual”. O roteirista Luiz Bolognesi concorda: “Quem é celebridade está lutando para se manter, ser sempre visto. E quem não é muitas vezes sonha em ser”.

No filme, o protagonista é Augusto Mendes (Vladimir Brichta), um ator de pornochanchadas que sonha com o sucesso em telenovelas em um grande canal. Porém, sua chance surge em uma rede concorrente, à frente de um programa infantil matutino. O sucesso é enorme. Mas, por contrato, ele não pode revelar sua identidade e permanece anônimo longe das câmeras. Esse paradoxo o leva a uma rotina repleta de excessos nos bastidores, afastando-se cada vez mais das pessoas que o conhecem de verdade, como o filho Gabriel (Cauã Martins), a mãe e ex-atriz Marta Mendes (Ana Lucia Torre) e Lúcia (Leandra Leal), sua produtora e interesse amoroso.

“Ele tem essa questão de ser reconhecido pelo talento, de tentar entender a fama, o quanto que ele dá valor àquilo, de perder o significado do ator e ficar muito preso à imagem dele”, resume Brichta. “Através do palhaço, ele consegue realizar um pouco disso”.

A vida de Barreto prometia uma trama de muitas camadas desde seu embrião, como mostrava a reportagem “O Palhaço de Deus”, publicada pela revista Piauí em dezembro de 2007. Nela, a jornalista Raquel Freire Zangrandi acompanha o pastor evangélico em seus cultos pelo país, enquanto o questiona sobre o passado como uma das figuras mais populares da telinha.

O primeiro a enxergar o potencial da história para o cinema foi o produtor Dan Klabin, da Emyrean Pictures, parceira da Warner Bros. Pictures e da Gullane no projeto. Foi ele que indicou o texto para o então montador Daniel Rezende, que já

preparava sua estreia na direção com o curta-metragem *Blackout* (2008). “Assim que li a matéria, comecei a procurar sobre a vida dele, um cara que realmente viveu muitas vidas numa só”, conta Rezende, que envolveu o roteirista Luiz Bolognesi no trabalho e a trama começou a ganhar forma. Na época, o filme se chamava “Vida de Palhaço” e o personagem, Bongo. “Foi um processo muito longo, que durou quase cinco anos da confecção do roteiro”, revela Bolognesi. “A gente começou filmando o décimo tratamento”.

Um time de peso

Rezende se cercou de profissionais aclamados com quem já havia dividido os créditos em outras produções. Com Bolognesi, trabalhou em *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), de Laís Bodanzky. Deste, fez parte também o diretor de arte Cassio Amarante e a maquiadora Anna Van Steen (que conheceu em *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, e depois chamou para seu curta-metragem *Blackout*). Com o diretor de fotografia Lula Carvalho, esteve em três filmes de José Padilha: *Tropa de Elite* (2007), *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro* (2010) e a refilmagem *Robocop* (2014).

O nome de Vladimir Brichta chegou como uma recomendação entre amigos. Daniel Rezende trabalhou com Wagner Moura nos dois *Tropa de Elite* e foi o ator que indicou seu amigo Vladimir Brichta para o papel principal. A entrega dele ao personagem cativou Rezende desde o primeiro momento. “Foi uma escolha perfeita para o papel”, alegra-se o diretor.

Durante a pré-produção, Brichta mergulhou no universo do circo com a ajuda dos atores Fernando Sampaio e Domingos Montagner, fundadores da companhia teatral La Mínima, que pesquisavam o repertório clássico do palhaço como a dupla Padoca e Agenor. Os dois fazem participações no filme, um dos últimos trabalhos de Montagner, falecido no ano passado. Nesse estudo de personagem, Domingos e Fernando colocaram o “aluno” em um picadeiro de verdade, durante uma apresentação na Cidade Tiradentes, bairro da periferia paulistana, sem o público ter conhecimento da presença de um astro. “Foi uma experiência maravilhosa”, recorda o ator. “As coisas aconteceram bem, as pessoas realmente se divertiram muito e eu saí de lá revigorado”.

“Foi muito bonito ver a entrega dele, esse comprometimento, o profissionalismo. Ele pegou esse filme para ele e foi até o fim. Ele filmava do primeiro horário até o fim todos os dias”, conta Leandra Leal, colega de elenco. O *cast* inclui também Ana Lucia Torre, Cauã Martins, Tainá Müller e Augusto Madeira “Temos um elenco à altura do filme

que a gente está fazendo ou mais”, afirma Rezende. Ainda traz participações especiais, como a de Emanuelle Araújo e a do jornalista e apresentador Pedro Bial. Este vive o poderoso diretor da TV Mundial, com quem Augusto rivaliza. Mas a aparição mais curiosa é a do próprio Arlindo Barreto, em um irônico encontro na entrada de uma cerimônia de premiação.

Nostalgia contagiante

As filmagens foram realizadas quase integralmente na cidade de São Paulo, entre outubro e dezembro de 2015. Um dos desafios da produção foi recriar os anos 1980 com toda a sua exuberância. Nostálgicos identificarão objetos de cena, como brinquedos e edições da finada revista Manchete. “Até o universo das cores, das maquiagens, a gente procurou imitar”, lembra a maquiadora Anna Van Steen. Outro detalhe essencial está no vestuário, trabalho realizado pela figurinista Verônica Julian, que resgatou memórias de alguns atores. “Eu me diverti muito com o figurino para caracterização. E quando coloquei a peruca me senti a minha mãe”, conta Tainá Müller.

A trilha sonora também faz o espectador viajar no tempo. Entre outras, ouve-se *Humanos*, da banda Tokyo, *Casanova*, de Ritchie, *Serão Extra*, do Dr. Silvana & Cia, *Televisão*, do Titãs, *Tudo Pode Mudar*, do Metrô, e *Uni Duni Tê*, do Trem da Alegria. Além, claro, de *Conga, Conga, Conga*, com Emanuelle Araújo homenageando Gretchen. “Dentro dessa coisa enorme que foram os anos 80, tem o recorte desse filme do que tinha na época e era relevante para a subjetividade das pessoas aqui”, explica o diretor de fotografia Lula Carvalho.

Outro grande esforço foi o de mostrar os bastidores da televisão da época com autenticidade. “A proximidade em termos de tempo nos possibilitou fazer tudo com bastante veracidade, com bastante fidelidade às coisas como elas eram mesmo. Em um filme sobre fazer televisão, a questão tecnológica é chave”, afirma Cassio Amarante, diretor de arte. A produção encontrou nos estúdios da TV Cultura, em São Paulo, o cenário ideal para reproduzir o clima da televisão da época.

SOBRE O ELENCO

VLADIMIR BRICHTA (Augusto Mendes)

Nascido em Diamantina, em 1976, mudou-se aos quatro anos para Salvador e se considera mais baiano do que mineiro. Atua desde os seis anos, quando passou a integrar o grupo teatral amador de sua escola. Adolescente, fez o curso livre de teatro da Universidade Federal da Bahia, onde, mais tarde, estudaria Artes Cênicas.

Entregou-se ao teatro por oito anos na Bahia, época em que sua amizade com Wagner Moura e Lázaro Ramos aflorou. Entre montagens como *A Casa de Eros*, dirigido por José Possi Neto, *Equus* e *Calígula*, ambas conduzidas por Fernando Guerreiro, o grande divisor de águas foi o fenômeno *A Máquina*, do João Falcão, com o qual rodou o país entre 2000 e 2001 e que o levou ao Rio de Janeiro. Em seguida estrearia na teledramaturgia com *Porto dos Milagres* (2001) e *Coração de Estudante* (2002).

No cinema, participou da adaptação de *A Máquina* (2005), dirigido pelo próprio Falcão. Fez com ele também *Fica Comigo Esta Noite* (2006) e esteve em *Romance* (2008), de Guel Arraes, *A Mulher Invisível* (2009), de Claudio Torres, e *Quincas Berro d'Água* (2010), de Sérgio Machado. Mais recentemente fez o drama *A Coleção Invisível* (2012), de Bernard Attal, saiu premiado do Festival de Recife ao viver um golpista misterioso em *Muitos Homens em Um* (2014), de Mini Kerti, e trabalhou com sua mulher, a atriz Adriana Esteves, em outro drama, *Real Beleza* (2015), de Jorge Furtado.

Seus últimos trabalhos foram aclamados pelo público ao mostrar seu talento para papéis mais densos. Primeiro com a minissérie policial *Justiça* e em seguida com o anti-herói Guilherme em *Rock Story*, sua volta às telenovelas. ***Bingo - O Rei das Manhãs***, no qual interpreta o protagonista, brinda esse grande momento na vida do ator com um personagem repleto de leituras.

Qual foi seu primeiro contato com o projeto do filme?

O Wagner Moura é meu amigo e lembro dele me falando: “olha, eu li um projeto, um roteiro incrível, melhor roteiro que li nos últimos tempos, vai ser um filmaço e queria muito que um amigo meu fizesse”, estávamos eu, ele e Lázaro Ramos. Ele contou um pouco o que era a história e eu fiquei com aquilo na cabeça. Passou um tempo, alguns meses, e o Daniel entrou em contato comigo me chamando para conversar e me mostrou o projeto. Eu li e, de fato, fiquei encantado.

Como foi seu trabalho de construção do personagem?

O Augusto é um ator e no filme temos três situações dele atuando. Começa como ator de pornochanchada, em um momento é um ator de novela e depois ele é o Bingo, o grande palhaço. Mas, além disso, ele é o Augusto. Ele é um ator e o ator, por si só, é múltiplo. Então, primeiro eu precisei entender quem é esse Augusto, a qualidade e a capacidade desse ator. Discuti isso muito com o Daniel até encontrarmos o caminho certo. De fato, o Augusto tem a alma do palhaço, do anárquico, do humor que provoca, que contesta. E eu foquei nisso. Ele se realiza encontrando o palhaço nele e durante minha preparação eu tive a experiência de ir ao circo. Eu já tinha um pouco de proximidade com o universo do palhaço, mas tive a oportunidade de ir ao circo fazer uma entrada clássica de palhaço, com o público real. E, paralelo a isso tudo, o Augusto é um homem com dilemas e tentei, de alguma forma, me aproximar muito do que seria um dilema meu neste trabalho de construção.

Como é contar na ficção a história real de uma pessoa?

É muito mais livre ter uma história inspirada em alguém que existiu do que propriamente fazer a história de alguém que existiu. Se eu estivesse fazendo o Tim Maia, todo mundo conhece a história dele e provavelmente as pessoas vão contestar e exigir que eu tenha que emular aquela imagem. Se for inspirado, e assim foi com o Arlindo Barreto, eu posso me valer de uma série de elementos dele e não preciso necessariamente me parecer com ele, eu não preciso ter um sotaque ou uma voz que sirva de construção externa do personagem para me aproximar. Óbvio que eu não poderia jamais ignorar a figura do Arlindo. Mas o que eu mais tentei preservar em mim da figura dele - é até um depoimento do filho dele - de que, em casa, o apelido dele era Febrão. Essa figura está sempre em uma temperatura alta. Para mim, esse foi um ponto de partida muito importante como referência. Aquilo me norteava como um farol, mas é claro que o roteiro é mais livre e era a história dele recontada com essa liberdade. E isso também me deixou mais livre para encontrar meu próprio Augusto e, por consequência, meu próprio Bingo.

Como foi a experiência de atuar mascarado?

O grande barato que eu tive ao pintar a cara nesse processo inteiro não foi nem durante a filmagem propriamente. Foi na preparação, quando eu fui ao circo. Eu comecei a ser reconhecido pelas pessoas após começar na televisão e lembro que, em 2002, eu entrei numa peça e as pessoas começaram a me reconhecer. Por conta da televisão,

começarem a comentar e eu escutei. E aquilo me afetou muito no primeiro momento porque eu não sabia o quanto que a empatia era por conta do personagem ou se era porque as pessoas me viam na televisão e tinham algum tipo de simpatia pela minha figura. Vivi um pouco esse dilema e depois esqueci isso. Mas quando fui ao circo, eu pintei a minha cara e ninguém da plateia sabia que era eu ali. Eu entrei como um palhaço qualquer, a cara absolutamente pintada e irreconhecível. E, um pouco antes de entrar, eu falei: “olha, agora vou botar a prova se eu tenho timing de humor, da comédia ou se as pessoas estão me enrolando por me reconhecerem”. Foi uma experiência maravilhosa. As coisas aconteceram bem e as pessoas realmente se divertiram muito, riram bastante, e eu saí de lá revigorado e pleno de que eu tenho um palhaço que se comunica independente de ser famoso ou não.

Como foi atuar em um programa de televisão dentro do cinema?

Eu faço televisão desde 2001 e na década de 80 eu era um espectador assíduo, via muita televisão. Ao contrário dos mais antigos, que viam mais cinema, outros, mais teatro, a minha geração via muita televisão e eu não fui diferente. E eu tinha uma imagem sobre a televisão. Em 2001, quando comecei a fazer TV, eu achava que quando eu fazia uma cena romântica ou triste entrava uma música. Mesmo já sendo ator há quase dez anos, eu não sabia que colocavam música só depois de montar. Então, aos poucos, o imaginário foi virando real. Quando eu voltei agora para a década de 80, eu voltei um pouco na televisão do imaginário da criança que eu era. Achei isso especialmente rico como experiência pessoal, mas também para o próprio filme e acho que isso dá uma cara interessante para o projeto. Assim como me tocou também deve tocar o espectador, principalmente aqueles que têm memórias da década de 80.

Qual a mensagem do filme?

Acho que, primeiro, a gente é para o que nasce. As nossas condutas podem mudar, mas a gente é meio para o que nasce mesmo. Ele (Augusto) faz um arco incrível, mas não se transforma em outro homem. Ele só se reafirma como aquele mesmo homem que ele era. Talvez mudando um pouco os valores. E eu acho que é a história de um homem com um dilema que se comunica com qualquer um. É um homem que precisa achar sentido para vida dele e busca avidamente por este entendimento. Claro que isso vem com todo tipo de cobrança. Ele consegue se realizar quando reconhece aquilo que faz sentido na vida dele, que é a comunicação no palco, a comunicação dele como um artista. No

fundo, já nasceu com esse intuito e ele nunca mudou o foco. Derrapou um pouquinho, mas sabia o final da pista.

LEANDRA LEAL (Lúcia)

Filha da atriz Ângela Leal e neta do produtor cultural Américo Leal, a carioca conviveu com o universo artístico desde seu nascimento, em 1982. Tinha sete anos quando estreou no teatro. Na TV, sua primeira aparição foi na novela *Pantanal*, com oito anos. Leandra cresceu alternando filmes e novelas, deixou o estigma de atriz infantil e consagrou-se como uma verdadeira estrela, surpreendendo em papéis cômicos ou dramáticos.

Depois de participar da série *Confissões de Adolescente* (1994), da TV Cultura, ela chamou a atenção como uma jovem cigana na telenovela *Explode Coração* (1995). Estreou no cinema em *A Ostra e o Vento* (1997), de Walter Lima Jr., sendo premiada como revelação pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Brilhou em filmes como *O Homem que Copiava* (2003), de Jorge Furtado, *Zuzu Angel* (2014), de Sérgio Rezende, *Se Nada Mais Der Certo* (2009), de José Eduardo Belmonte, e *Estamos Juntos* (2011), de Toni Venturi. Ganhou duas vezes o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, por *Cazuza - O Tempo Não Para* (2014), de Sandra Werneck e Walter Carvalho, e *O Lobo Atrás da Porta* (2014), de Fernando Coimbra. Também fez dobradinha no Festival de Gramado, com *Nome Próprio* (2007), de Murilo Salles, e *Éden* (2013), de Bruno Safadi. Seu projeto mais recente, além de *Bingo - O Rei das Manhãs*, é o suspense *Rastro*, de JC Feyer.

Leandra também é um prodígio nos bastidores. Em 2000, aos 18 anos, abriu sua própria produtora cultural, As Três Marias, levando shows do Seu Jorge, Mundo Livre S/A, Cordel do Fogo Encantado e Paula Lima para o Teatro Rival, de sua família. Também escreveu, dirigiu e produziu a peça *Impressões do Meu Quarto* (2005) e conduziu *Mercadorias e Futuros* (2008). Esse ano, lançou o documentário *Divinas Divas*, sua primeira experiência como cineasta, falando sobre travestis. O filme foi escolhido pelo público no Festival do Rio e do Festival South by Southwest, nos Estados Unidos.

Como você se envolveu com esse projeto?

Entrei aos 45 do segundo tempo. Foi o Daniel que me procurou, me mandou o roteiro. Eu estava em um período totalmente dedicado à finalização do meu documentário (*Divinas Divas*), mas o Daniel me procurou e li o roteiro. De cara já queria fazer parte do projeto. O roteiro era muito redondo, muito maduro, um roteiro com tempo de

trabalho. Você lê e percebe que a galera demorou um tempo mesmo fazendo aquilo. Eu tenho uma regra para escolher trabalhos e em primeiro lugar vem o roteiro. Dificilmente, um bom roteiro vai dar um filme ruim. Também me preocupo com as pessoas com quem você vai trabalhar. E esse filme tinha várias pessoas com quem eu já tinha trabalhado, que eu adoro, são meus amigos. Eu nunca tinha trabalhado com o Vladi, mas a gente se conhece há muito tempo e eu tinha uma curiosidade de trabalhar com ele e com o Daniel.

Que tipo de lembrança você tinha dos anos 80? E como foi viver isso no set?

Foi uma das coisas mais divertidas. Porque já te coloca em outro lugar. Você entra em um set e encontra coisas que você não vê há tanto tempo e fazem parte da sua memória afetiva. Eu tenho muita memória de filmes da época. E das roupas da minha mãe. Várias vezes, eu coloco umas roupas, umas ombreiras e falo: “gente, eu pareço uma tia”, sabe? Fico sempre lembrando de umas pessoas da família. Tenho muita lembrança desse guarda-roupa da minha mãe, de pegar e ficar brincando com isso.

Sua personagem muda bastante durante o filme. Como foi trabalhar essa transformação?

Olha, a Lúcia é uma das personagens mais difíceis que eu já fiz na minha vida. Porque tudo é muito sutil. Ela é muito contida, muito travada, sente muitas coisas, mas faz um esforço muito grande para não demonstrar. E o Augusto é um desafio para ela. Ao mesmo tempo, ele vai quebrando essa amargura dela. Os dois têm um embate de poder mesmo, duas pessoas que são centro dos seus universos. Eles se enfrentam e acabam se apaixonando. O que quebra a Lúcia é que ela se apaixona, algo fora do controle, fora do que ela previu.

Como foi trabalhar com o Vladimir Brichta?

O Vladi é uma pessoa incrível, divertida, e foi muito bonito ver a entrega dele, esse comprometimento, o profissionalismo. Ele pegou esse filme para ele e foi até o fim. Ele filmava do primeiro horário até o fim todos os dias. E você nunca o via reclamando, sempre ali disposto e ao mesmo tempo indo a lugares bem *punks* para construir seu personagem.

Que imagem você tem dos palhaços?

Eu adoro palhaço, adoro mesmo. Desde sempre. A maior crise profissional que já tive foi quando eu fiz uma oficina de *clown*. Tinha uns 19 anos e eu fiquei uns três ou quatro anos investigando isso. É diferente do que é o Bingo, mas eu acho que todo ser humano deveria passar pela experiência de vestir um nariz. É libertário e ao mesmo tempo muito profundo. O palhaço nos liberta de todas as máscaras. Tem algumas coisas que a gente quer esconder, mas com a maquiagem e o nariz de palhaço isso não é necessário. Ele está ali o tempo todo, aberto e rindo de si mesmo, sem nenhuma barreira, nenhuma vergonha.

CAUÃ MARTINS (Gabriel)

Apesar de ter apenas 13 anos, o ator-mirim já acumula muita experiência no cinema, no teatro e na televisão. Antes de fazer Gabriel, o filho do protagonista Augusto em *Bingo - O Rei das Manhãs*, Cauã era conhecido por fazer a versão filhote de Simba, o herói de *O Rei Leão*, versão nacional do espetáculo da Broadway.

O menino também integrou o elenco de *Chaplin - O Musical*, produzido por Claudia Raia, dirigido pelo argentino Nariano Detry e montagem assinada por Miguel Falabella. A responsabilidade era grande, já que aparecia como o criador do Carlitos ainda na infância.

No cinema, também já rodou duas produções que devem sair em breve: o terror psicológico *Morto Não Fala*, estreia do diretor gaúcho Dennison Ramalho, estrelado por Daniel de Oliveira, e a aventura infanto-juvenil *Sobre Rodas*, de Mauro d'Addio, no qual vive um paraplégico e passa o filme todo em uma cadeira de rodas. No formato de seriado curto, participou do projeto *Crime Time: Hora do Perigo*, produção da Gullane para o Studio+.

Como foi trabalhar com o Vladimir Brichta?

Incrível. Primeiro a gente a gente fez um preparo, com vários ensaios de interpretação, de relacionamento, de aproximação. No set, ele era meu pai e era importante essa preparação para termos uma relação de pai e filho em cena.

Você tem formação de teatro. Como foi fazer seu primeiro filme?

Cinema é muito diferente do teatro. Os dois têm o seu grau de dificuldade e de facilidade e é muito bom poder fazer os dois. É gratificante.

Como foi trabalhar com o Daniel Rezende?

Foi muito bom porque ele é uma pessoa superdivertida e também dirige muito bem, claro. Foi uma experiência muito boa.

Qual a sua relação com palhaços em geral?

Eu sempre gostei de palhaço. Pelo menos, é o que a minha mãe disse. Já tive aniversários de palhaço. Eu sempre gostei muito de palhaço porque gosto de coisas engraçadas. E foi muito bom conhecer o outro lado do palhaço, não só o sorriso, mas por trás da maquiagem.

Como foi ver o lado diferente do palhaço?

É muito diferente porque você só vê o palhaço alegre, feliz, dando cambalhotas. E não esse lado pessoal. Você nunca vê um palhaço reclamando da vida, mas tem todo esse lado por trás do palhaço, a pessoa embaixo da maquiagem.

ANA LUCIA TORRE (Marta Mendes)

A atriz amazonense vive uma ex-estrela da televisão, mãe do protagonista, em *Bingo - O Rei das Manhãs*. Criada desde criança em São Paulo, mais tarde ela começaria o curso de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Mas interessou-se mais pelo grupo de teatro da instituição. Entre seus colegas de palco na época, estavam o compositor Chico Buarque e o artista plástico Cláudio Tozzi.

Depois de largar a faculdade e se mudar para Lisboa para estudar artes cênicas, Ana Lucia casou-se pela primeira vez e foi morar primeiro em Oslo, na Noruega, e depois em Londres, na Inglaterra, onde fez especializações na área de Direito. Ela só abraçaria o palco de novo em 1975, de volta a São Paulo, a convite do diretor teatral Celso Nunes para encenar *Equus*. Dois anos depois, estrearia na televisão com a novela *Dona Xepa*. Seria a primeira de muitas. Entre elas, *Ciranda de Pedra* (1981), *Corpo a Corpo* (1984), *Tieta* (1989), *Renascer* (1993), *O Cravo e a Rosa* (2000), *Insensato Coração* (2011) e *Verdades Secretas* (2015).

Desde a virada de milênio, tem feito bastante cinema. Trabalhou com Tata Amaral em *Através da Janela* (2000), José Roberto Torero em *Como Fazer um Filme de Amor* (2004), Sérgio Bianchi em *Quanto Vale ou É por Quilo?* (2005) e *Os Inquilinos* (2010), entre outros. Um dos projetos como protagonista foi na comédia dramática

Reflexões de um Liquidificador (2010), de André Klotzel, pelo qual foi eleita pelo público no Prêmio Sesc dos Melhores do Ano.

Qual foi sua reação ao receber o roteiro?

Eu fiquei encantada de verdade. O Daniel me ligou, a gente bateu um papo muito gostoso por telefone, marcamos um almoço e ficamos numa conversa que não acabava mais. Recebi o roteiro - sou muito fã do Bolognesi - e achei fascinante a história real. Não conhecia. Fui comentar com meu filho e ele falou: “mãe, é famosíssima”. Eu conheci uma parte do personagem, a outra, não. E achei muito interessante a forma como ela foi tratada e como encaminharam o roteiro. Depois, ele falou quem ia fazer o personagem principal e não podia mesmo ser outro. E o Daniel, que é um jovem maravilhoso, com uma carreira em ascensão. Enfim, estou super feliz de participar.

Qual foi o processo de construção da sua personagem?

A base foi exatamente a de uma atriz decadente, que teve um período de glamour e sucesso. Tem essa coisa da atriz que foi grande e ainda quer mostrar isso. Mas quando está sozinha ela sabe que não tem mais para onde ir. Procurei não exibir muito essa amargura - a não ser em uma cena que foi definitiva e não teria como ser de outra forma.

Como foi interpretar uma personagem baseada em uma pessoa real?

Pois é, eu tinha a figura que eu estaria representando, mas não queria fazer aquela mulher que eu conheci na tela, sempre com a maquiagem impecável, porque sei que ela era uma mulher muito família. Para fazer essa personagem eu não botei a verdadeira na frente. Ela ficou com uma guia de uma pessoa sempre com brilho nos olhos. Mas eu procurei inserir minha visão. Tem a ternura muito grande com o neto. A necessidade de ver o filho ser maravilhoso. E também a visão de que ele não chegou onde podia e é responsável por isso.

Quais são suas lembranças da televisão dos anos 80 e o que você trouxe dessas memórias para o filme?

Eu tenho uma visão muito particular. Nos anos 80, você ainda tinha muitos programas de televisão de auditório em que apareciam cantores e cantoras, grupos musicais, e meu pai era diretor de uma gravadora na época. Eu acabei conhecendo os artistas que apareciam na televisão, mas também conhecia a realidade deles em casa, fazendo

comida, levando o filho na escola. Aquela época tinha muito do glamour da televisão, óbvio, aquela ilusão de que tudo que aparece lá é lindo, cabelos bem penteados, homens elegantírrimos, e eu conheci o outro lado. O lado humano, e não o estrela, da maioria desses artistas.

Como foi sua relação com o Vladimir no set?

Eu sempre admirei Vladimir como ator, sigo coisas sérias e cômicas, acho que é um ator com um timing e uma inteligência únicos. Depois, eu passei a gostar mais ainda dele porque ele é casado com uma pessoa que eu amo e qualquer um que faz Adriana (Esteves) feliz me deixa fã absoluta. Só que eu convivi com o Vladimir esses dias - foram poucos, eu gostaria que fossem mais. E tudo que eu sentia por ele é pouco pelo que ele é. Estou fascinada com esse ator, mas também com esta pessoa agregadora, do bem, que fez um ambiente fantástico no set. Acho que não podia ter parceiro melhor. Se eu pudesse escolher novamente, escolheria Vladimir.

TAINÁ MÜLLER (Angélica)

Nascida em 1982, em Porto Alegre, a atriz despontou no cinema e só depois começou a fazer sucesso na televisão. Antes, porém, formou-se em Jornalismo, foi VJ da antiga MTV Brasil com apenas 19 anos e trabalhou algumas temporadas como modelo viajando para a Europa e para a Ásia. Em 2005, mudou-se para São Paulo para estudar teatro. Mas voltou ao Rio Grande do Sul para estrelar seu primeiro filme, *Cão sem Dono* (2007), de Beto Brant.

O papel de estreia valeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Recife e o interesse dos diretores de telenovelas. Nos últimos dez anos, participou de *Eterna Magia* (2007), *Insensato Coração* (2011), *Cheias de Charme* (2012), *Flor do Caribe* (2013), *Em Família* (2014), *Babilônia* (2015), entre outras.

No cinema, trabalhou com José Eduardo Belmonte em *Se Nada Mais Der Certo* (2008), José Padilha em *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro* (2010), Glauber Filho e Helder Gomes em *Mães de Chico Xavier* (2011) e Felipe Joffily em *E Aí, Comeu?*. Seu papel em *Bingo - O Rei das Manhãs* é o de uma estrela em ascensão na TV, ex-mulher do protagonista.

Como foi o seu primeiro contato com o projeto?

O primeiro contato com o projeto foi durante “Tropa de Elite 2”. Eu estava trabalhando com o Dani, que era montador do filme, e eu fiquei sabendo desse primeiro longa-metragem dele. E a história me deixou super curiosa. Eu queria me envolver de algum jeito no projeto. Em 2015, quando eu fiquei sabendo que seria filmado mesmo, eu entrei em contato com o Dani e falei que queria participar. É uma história que me interessava, estava no nosso folclore. E eu queria fazer parte.

Como você descreve a sua personagem?

Minha personagem é a Angélica, ex-mulher do Augusto, mãe do filho dele, o Gabriel. É uma atriz muito famosa da TV Mundial, que é a maior emissora do país, e ela está em ascensão, no momento em que a sua carreira está dando certo. Porém, ela tem que lidar com o pai do filho dela, que é um cara que ela vê como um irresponsável. No entender dela, ele tem um carinho enorme por esse filho, que é recíproco - o filho o ama também -, mas ele chega a um ponto em que não tem mais condições de cuidar do garoto. É um drama bem feminino. Muitas mulheres passam por essa situação.

Que tipo de lembrança você tem dos anos 80? Como foi viver isso no set?

Bom, eu vivi a minha infância nos anos 80 com aquele cabelinho, com aquela franja batidinha, calça baggy, saia balonê, tudo isso achando muito estranho. Eu lembro que eu achava que tinha alguma coisa errada naquela moda. Não entendia porque as pessoas achavam tão bonitos esses vestidos. Eu já tinha um senso de crítica estética nos anos 80. Mas hoje eu acho tudo muito divertido. Eu me diverti muito com o figurino para caracterização. E quando coloquei a peruca me senti a minha mãe.

Como foi fazer um programa de televisão dentro do cinema?

Uma experiência inédita, mas, ao mesmo tempo, foi muito divertido a gente brincar com figurino, eu com aquele sotaque maluco. Acho que a equipe toda acabou se divertindo. A gente tem boas memórias da novela gravada.

Qual a sua relação com palhaços na vida real?

Quando eu era criança, tinha um pouco de rejeição com palhaço. Até alguns anos atrás, quando resolvi estudar mais profundamente teatro aqui em São Paulo e me inscrevi em uma oficina de *clown*. E foi uma experiência completamente transformadora e profunda. Eu entendi que o palhaço é o suprassumo do ator. Tudo que a gente vive no nosso ofício

de uma forma extrema. Mexe com a insegurança, a exposição, com o nosso ridículo, com a nossa criança. Eu achei uma experiência lindíssima e fiquei profundamente mexida e modificada. Tenho vontade inclusive de fazer mais. Adoraria ser uma palhaça.

AUGUSTO MADEIRA (Vasconcelos)

Com três décadas de carreira, o ator carioca trabalha tanto que já chegou a estar em cartaz em três peças ao mesmo tempo e lançar oito filmes em um único ano. Na televisão, ficou bastante marcado pelo humor, com participações em seriados como *A Grande Família*, *Cilada*, *Junto & Misturado*, *Os Caras de Pau* e *Zorra Total*. Este ano, ganhou a oportunidade de protagonizar sua própria série, *O Homem da Sua Vida*, da HBO.

No teatro, quando não atua, dirige. Como no monólogo *Escravos*, inspirado em texto de Machado de Assis. Em 2005, precisou se multiplicar entre Rio de Janeiro e São Paulo para dar conta de três espetáculos simultâneos: *Serpente*, *20.000 Léguas Submarinas* e *Jacinta*.

No cinema, um dos primeiros trabalhos foi no curta *Blackout* (2008), primeira experiência do então montador Daniel Rezende como diretor. Pelo papel, chegou a levar um kikito no Festival de Gramado. Também apareceu em filmes como *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha, *VIPs* (2011), de Toniko Melo, *Xingu* (2012), de Cao Hamburger, *Os Penetras* (2012), de Andrucha Waddington, *Júlio Sumiu* (2014), de Roberto Berliner, *Quase Memória* (2015), de Ruy Guerra, entre outros. Além de *Bingo - O Rei das Manhãs*, no qual vive um cameraman e cúmplice do protagonista nas farras, deve lançar *Malasartes e o Duelo com a Morte*, de Paulo Morelli.

Você tem experiência como palhaço. Contribuiu de alguma forma para a caracterização do Vladimir?

O Vladimir é um cara muito talentoso que ganhou um papel à altura do talento dele. É mérito dele. Também é um cara muito generoso para se dividir a cena. Falo isso de coração. Conheço o Vladi há mais de vinte anos e foi uma parceria muito gostosa. Teve a contribuição riquíssima do Domingos (Montagner), que aparece no filme como professor de palhaço, mas também fez parte um pouco dessa preparação. Principalmente, na filosofia. O Bingo não é exatamente o palhaço de circo clássico que eu admiro. Mas, no fundo, é um palhaço, é um picadeiro, são crianças. Esse espírito brincante, desafiador, meio marginal do palhaço estava ali de alguma forma.

Apesar de o filme ser inspirado em uma história real, o seu personagem não representa uma pessoa específica. Como você o criou?

Na verdade, ele é uma somatória de várias situações encarnadas em um personagem só. E traz muito o retrato da década. Eu tentei trazer para ele umas coisas que até não tinha muito a ver com o texto. Meu personagem, por exemplo, está sempre mascando chiclete. E ele tinha um cubo mágico. Eu ficava trazendo as coisas dos anos 80 como proposta minha. Nem sei se o cubo mágico ficou na montagem, mas era uma coisa que eu tinha como o meu objeto de cena. O personagem também tem os mullets muito marcantes nesta época, as roupas extravagantes dos anos 80. A gente não se dava conta. Precisa desse espaçamento histórico para ver o quanto aquilo era ridículo. Mas ele acaba sendo um pouco o braço direito do Augusto, não só nas horas difíceis, também é o cara que divide a euforia, o sucesso, que vai para as baladas.

E como se constrói a amizade entre o seu personagem e o Bingo?

O universo da TV, para quem está chegando, é meio inóspito. Você precisa de aliados. O Augusto sempre teve dificuldade para acessar a chefia, os atores. A própria relação dele com a personagem da Leandra Leal é de conflito. Já meu personagem vira um aliado logo na cena do teste, quando os dois fazem uma brincadeira. É importante para poder suportar aquela pressão, cheia de regras, não tinha tanta liberdade. Ele tinha que ser louco o suficiente para romper tudo isso.

Como foi fazer um programa de TV no cinema?

O que eu achei incrível é que eles conseguiram umas câmeras de época que ainda funcionavam. Eu não só fingi que operava uma câmera, como precisei usá-la de verdade. Conversava muito com o diretor de fotografia, o Lula, sobre enquadramento e parte do que eu estava gravando era usado também para o corte deles. Foi uma experiência incrível e me senti muito mais atuante e também presente. Estar desse outro lado técnico das câmeras, trabalhar esse tipo de enquadramento menos comprometido, usando muito zoom. Acho ainda que a tecnologia evoluiu muito nos últimos 30 anos e pude voltar e ver como era feito quase arcaicamente. A televisão começou de fato no Brasil em 1950. Ainda estava engatinhando. Não tinha TV a cabo, só três ou quatro transmissores, uma outra realidade. Imagina uma pessoa que nasceu nos anos 80 ou 90. Eu lembro bem porque era minha adolescência, mas mudou muito.

Nessas gravações do programa TV, vocês improvisavam muito?

A gente tinha um ambiente muito favorável, de uma sinergia grande. A gente ia trabalhar feliz e as ideias eram bem-vindas. O Daniel é um diretor muito generoso nesse sentido, muito esperto também, tem uma equipe com a qual trabalha junto há muito tempo. Aliás, uma equipe de primeira. Eu ia trabalhar e era o Cassio (Amarante) no cenário, o Lula (Carvalho) na fotografia, a Anna (Van Steen) na maquiagem, a Verônica (Julian) no figurino, só fera. Então, a galera estava muito feliz por estar ali. Era o primeiro longa do Daniel, que é um cara muito querido, muito talentoso, começou muito cedo e foi indicado ao Oscar. O seu primeiro longa tinha um carinho muito especial por parte de todos. Eu gosto muito do filme. Ele veio para fazer barulho.

SOBRE A EQUIPE

DANIEL REZENDE (Diretor)

Nascido em São Paulo em 1975, formou-se em Publicidade e começou a trabalhar na O2 Filmes. Depois de trabalhar com comerciais e videoclipes, entrou para o cinema como montador do aclamado *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, seu cartão de visita para uma carreira internacional na sala de edição. Por esta contundente estreia, Rezende recebeu o troféu da categoria no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, no BAFTA e no Festival de Havana, além de ser indicado ao Oscar.

Voltou a trabalhar com Meirelles em *Ensaio Sobre a Cegueira* (2008). Também fez *Tropa de Elite* (2007) e *Tropa de Elite 2 - O Inimigo Agora É Outro* (2010), ambos dirigidos por José Padilha. Pelo segundo, foi novamente premiado em Havana. No Brasil, ainda ficou responsável pela montagem de filmes como *Narradores de Javé* (2003), de Eliane Caffé, *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger, *Cidade dos Homens* (2007), de Paulo Morelli, *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), de Laís Bodanzky, e *Os 3* (2011), de Nando Olival.

Internacionalmente, trabalhou em *Diários de Motocicleta* (2004) e *Água Negra* (2005), assinados por Walter Salles, *Robocop* (2014), outro de José Padilha, e *360: A Vida É um Círculo Perfeito* (2011), mais uma vez com Fernando Meirelles. Em sua lista de projetos também constam *Jazz in the Diamond District* (2008), com o americano Lindsey Christian, *A Árvore da Vida* (2011), de Terrence Malick, e *Artigas - La Redota* (2011), do uruguaio César Charlone (fotógrafo de *Cidade de Deus*).

Sua primeira experiência no comando de uma produção veio com os curtas *Blackout* (2008) e *Wing It* (2009). ***Bingo - O Rei das Manhãs*** é seu longa de estreia como diretor.

Como você se envolveu com o projeto?

Bingo - O Rei das Manhãs foi um projeto que chegou para mim de um encontro casual com o Dan Klabin, que é um dos produtores do filme. Ele tinha lido uma matéria sobre a vida do Arlindo Barreto e falou: “cara, isso aqui dá um filme incrível”. E, assim que eu li a matéria, eu comecei a entender um pouco e procurar sobre a vida dele, um cara que realmente viveu muitas vidas numa só. Eu me apaixonei e a gente começou a colocar o filme de pé. Ele brinca com os bastidores da televisão da geração que eu vivi, a TV

dos anos oitenta. Isso me interessou muito, entender o que tinha por trás da câmera naqueles programas que eu via quando era criança. Então, isso me cativou muito para fazer esse filme.

Como foi a escolha do elenco?

A gente trabalhou bastante no *casting*. Eu sempre falei que esse filme era de personagem, com roteiro muito amarrado, uma história com uma curva dramática muito forte, um protagonista muito intenso. Se a gente não tivesse excelentes atores, tudo isso cairia por água abaixo durante a filmagem.

Como chegou ao nome do Vladimir Brichta?

Quando a gente foi fazer o elenco desse filme, tinha um desafio muito grande que era o nosso protagonista. É um personagem muito complexo, que vai do drama para comédia. E ele é um palhaço, mas é um ator de pornochanchada, é um ator de novela. Tem uma camada com a mãe, uma coisa meio edipiana, e, ao mesmo tempo, uma relação muito próxima com o filho. Ele vira um palhaço em um programa infantil em que começa a brincar com todas as crianças, mas se distancia do filho. Então, era um personagem para poucos atores. E o Vladimir tem uma veia cômica muito forte e é um grande ator dramático. Foi a escolha perfeita para o papel. E todo elenco é incrível. Temos a Leandra Leal, que faz a diretora do programa, evangélica, o extremo oposto do Augusto. Um casal completamente improvável. A gente tem a Ana Lúcia Torre fazendo a mãe, que é incrível. Tem o Augusto Madeira, a Tainá Müller, que faz a ex-mulher dele, a Emanuelle Araújo, no papel da Gretchen, Pedro Bial, Domingos Montagner, temos um elenco à altura do filme. Ou até acima.

Qual a dificuldade de se levar uma história real para a ficção?

A grande dificuldade é você ficar tão encantado com a história real que não consegue achar um bom filme. Você pega elementos reais tão incríveis e acaba fazendo uma grande colcha de retalhos. Mas temos um excelente roteiro, escrito pelo Luiz Bolognesi, que tentou ser fiel sem ser literal, ser fiel aos acontecimentos ou, pelo menos, com as intenções, com os sentimentos, com os objetivos. Mas, ao mesmo tempo, construir uma história que tem uma curva dramática. Acho que fizemos isso muito bem.

Qual a mensagem do filme?

Apesar de ser um filme de época dos anos 80, ele trata sobre vários assuntos. Um deles é a busca pelo reconhecimento. Essa busca incessante que o Augusto Mendes tem por estar sob um holofote, encontrar seu espaço como artista embaixo da luz, para que ele seja visto, isso é um tema muito atual. Hoje em dia, está todo mundo checando quantos likes você tem no Instagram. Porque você quer que as pessoas vejam onde você está, o que você veste, como você faz. Então, essa busca só é de uma maneira diferente, mas é a mesma busca.

LUIZ BOLOGNESI (Roteirista)

Paulistano, é um dos mais aclamados roteiristas do cinema nacional contemporâneo, conhecido, principalmente, pela produtiva parceria com a cineasta Laís Bodanzky, sua sócia na produtora Buriti Filmes. Mas ele também é diretor e, em 2013, lançou *Uma História de Amor e Fúria*, com a qual levou o troféu principal do mais prestigiado festival de animação do mundo, o de Annecy, na França. O filme conquistou outros prêmios pelo mundo e teve lançamento internacional.

Entre seus inúmeros trabalhos, codirigiu, com Laís, o documentário *Cine Mambembe - O Cinema Descobre o Brasil* (1999). Premiado em Gramado, Havana, Montevideu e outros festivais, o filme apresenta o projeto de exposições itinerantes e oficinas de vídeo que o casal levou a comunidades de baixa renda de todo o Brasil. Foram cerca de 450 curtas produzidos entre jovens moradores de periferias, além de oferecer a experiência do cinema a mais de 1,3 milhões de pessoas.

Como roteirista, assinou todos os trabalhos de Laís, a começar por *Bicho de Sete Cabeças* (2000), pelo qual foi laureado no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, no Festival de Recife e pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). A parceria seguiu em *Chega de Saudade* (2007), melhor roteiro no Festival de Brasília, *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), de novo conquistando Recife e a APCA, e no recente *Como Nossos Pais* (2017). Em 2006, já havia vencido em Brasília com *Querô*, dirigido por Carlos Cortez.

Qual o maior desafio de levar uma história real para a ficção?

Nesse caso, a gente construiu uma ficção inspirada na biografia. Então, na verdade, é uma construção de ficção. Existem vários elementos biográficos dele, mas, por exemplo, um dos plots centrais do filme, que é a relação dele com o filho, é totalmente inventado. A gente se inspirou em alguns aspectos da vida do Arlindo, mas construímos plots e

situações novos, que nos permitiram visitar esse personagem com uma profundidade maior. E um pouco descolada dos dados biográficos dele, o que, para nós, como roteiristas, é muito libertário.

Como foi levar para o cinema um programa de televisão?

É curioso porque a gente lidou muito com essa realidade de um programa de televisão, mas eu não sou roteirista de televisão. Até fiz documentários para televisão, mas não vivi os bastidores. Então, a gente fez muita pesquisa e algumas entrevistas. Porque a televisão nos anos 80 é muito diferente da televisão de hoje. O que passava na tela era muito próximo para mim e para o Daniel porque nós víamos televisão na época. A gente tem uma memória afetiva da realidade que estávamos retratando, o que nos ajudou muito. Mas também existia a parte dos bastidores e essa exigiu uma grande pesquisa.

Qual o desafio para um roteirista ao escrever um drama centrado em um palhaço?

O gênero sempre foi uma questão. Sempre tivemos a preocupação de quanto humor teria o filme. Foi o Fernando Meirelles que nos indicou o caminho durante uma leitura. Ele leu o roteiro e disse que a gente deveria fazer uma tragicomédia. Achamos o conceito genial. Esse filme tem tudo para ser uma tragicomédia. Ele reúne a força do drama, mas com a potência da comédia. Estudei muito. Eu fui ler sobre tragicomédia, sobre o riso, sobre o Bergson (o filósofo francês Henri Bergson, autor de *O Riso: Ensaio sobre a Dignificação do Cômico*). A tragédia eu já tinha estudado, um pouco de comédia também. Mas a união desses dois gêneros era algo novo.

LULA CARVALHO (Diretor de Fotografia)

Filho do renomado diretor de fotografia Walter Carvalho, nasceu no Rio de Janeiro. Depois de ganhar experiência como assistente de câmera, Lula seguiu os passos da família (o tio é o também cineasta Vladimir Carvalho). Uma das primeiras vezes que assumiu a fotografia de um longa-metragem foi no documentário *Moacir Arte Bruta* (2005), dirigido por seu pai. Desde então, ganhou seu próprio espaço, conquistando projeção internacional com o sucesso de *Tropa de Elite* (2007) e da continuação *Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro* (2010), ambos dirigidos por José Padilha.

Os filmes do Capitão Nascimento renderam ao jovem diretor de fotografia o troféu da categoria no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro. Voltaria a trabalhar com Padilha em Hollywood, no remake *Robocop* (2014) e, mais tarde, no seriado *Narcos*

(2015). Outra produção com a fotografia premiada, desta vez no Festival de Gramado, foi *A Festa da Menina Morta* (2008), estreia na direção do ator Matheus Nachtergaele. Ganhou o troféu Calunga no Cine PE por dois anos seguidos, por *Estamos Juntos* (2011), de Toni Venturi, e *Paraisos Artificiais* (2012), de Marcos Prado. Além de mais um Grande Prêmio do Cinema Brasileiro por *O Lobo Atrás da Porta* (2013), de Fernando Coimbra.

Para grandes estúdios americanos, foi chamado para *As Tartarugas Ninja* (2014), de Jonathan Liebesman, e sua continuação, *As Tartarugas Ninja: Fora das Sombras* (2016), de Dave Green. E volta a trabalhar com Padilha em uma produção internacional, *Entebbe*, drama baseado em uma história real, previsto para o próximo ano. Em 2017, deve chegar aos cinemas também com *10 Segundos*, de José Alvarenga Jr., cinebiografia do boxeador Eder Jofre.

Quais os desafios de se fazer um filme passado nos anos 80?

A gente tem os anos 80 como referência, o que foi aquela época, que tipo roupa, de tecnologia, o carro, todo universo. Mas eu acho interessante é o que foi referência dos anos 80 para o Daniel Rezende, para o Cássio Amarante. Então, por exemplo, a gente usou aquela coisa das fitas BASF. É uma coisa que quem conhece o Dani sabe que tem a ver com ele. No nosso filme, as coisas que foram referências para o Dani trazem esse 'anos 80' do filme.

Que tipo de estudo foi feito para se chegar ao visual do filme?

Quando eu entrei já tinha todo um encaminhamento, toda uma quantidade de coisas para me inspirar e, eventualmente, contribuir com algo. Como, por exemplo, numa dessas cenas que tem um centro da cidade bem emblemático - que, aliás, é uma das cenas mais bonitas do filme -, em que o pai vai fazer a sombra para o filho. Era uma cena noturna e a gente optou por fazer na hora mágica. A gente vê a Avenida São Luiz inteira e ainda há resquícios dessa cidade acesa. Porque de noite não teria o mesmo brilho. Acho que daí que os trabalhos vão se complementando.

Quais os desafios de se reproduzir a linguagem da televisão no cinema?

Existem muitas memórias da época e tentamos reproduzir para trazer um pouco dessa memória aos espectadores, mas sem engessar nosso processo criativo. E a gente teve a felicidade também de achar câmeras de época que funcionam e isso colaborou muito com essa recriação da época. O Dani também teve uma ideia muito boa de optar por fazer câmera na mão. Nas cenas do programa do Bingo usamos esse recurso. Esses são

alguns dos fatores que ajudam a realçar até o que a própria televisão era. E do ponto de vista da direção de arte, a gente também encontrou uma locação fantástica na TV Cultura.

FABIANO GULLANE (Produtor)

Nascido em São Paulo, ele já coleciona cerca de trinta longas-metragens produzidos desde que abriu a Gullane há duas décadas com seu irmão Caio Gullane, marcando presença com *Bicho de Sete Cabeças* (2000), de Laís Bodanzky. Sem contar curtas e projetos televisivos. Basta citar alguns para pesar a importância da produtora no cenário cinematográfico brasileiro. Como gerente de produção, Fabiano lançou o primeiro filme de Eliane Caffé, *Kenoma* (1998), e um dos últimos de Carlos Reichenbach, *Dois Córregos - Verdades Submersas no Tempo* (1999).

De *Através da Janela* (2000), de Tata Amaral, a *Que Horas Ela Volta* (2015), e Anna Muylaert, teve uma sequência premiada, passando por títulos como *Benjamin* (2003), de Monique Gardenberg, *Nina* (2004), de Heitor Dhalia, *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger, *Encarnação do Demônio* (2008), de José Mojica Marins, *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), também de Laís, *Uma História de Amor e Fúria* (2013), de Luiz Bolognesi, e o *Lobo Atrás da Porta* (2013), de Fernando Coimbra.

Ainda foi co-produtor de *Carandiru* (2003), de Hector Babenco, do português *Tabu* (2012), de Miguel Gomes, e do argentino *A Sorte em Suas Mãos* (2012), de Daniel Burman. A série *Alice* (2008) e *Fora de Controle* (2012) também têm seu dedo na produção, assim como *Crime Time: Hora de Perigo*, desenvolvida para a plataforma de streaming Studio+, desenvolvida pelo Canal+, da França.

Quais foram os maiores desafios dessa produção?

A gente acabou transformando os desafios em curiosidade, em impulso e motivação para que nós criássemos. A gente tinha toda liberdade para fazer o programa (do Bingo) que a gente quisesse, mas não poderíamos fazer um programa infantil completamente diferente da lembrança de quem viveu a época. A busca para esse trabalho foi o de sempre achar esse equilíbrio, mas a liberdade criativa foi um grande presente para a equipe do filme.

Como vocês chegaram ao nome do Vladimir Brichta?

Eu lembro bem da chegada do Vladimir ao filme. A gente estava nesse momento de escolha de elenco, o Daniel fazia leitura com um e com outro, todos os atores maravilhosos que a gente tem aqui no Brasil. E eu lembro muito bem no final de uma tarde, quando o Daniel veio na Gullane para conversar com o Caio sobre a seleção e chegou feliz e motivado. Perguntamos o que tinha acontecido. E ele disse: “encontrei nosso personagem”. Ele tinha acabado de vir da leitura do Vladimir e sabia que ele ia dar conta da parte humorística, mas precisava ter certeza sobre o lado mais dramático, a relação com a família, a perda da mãe, com o filho e foi esse o ponto que o Vladimir mostrou naquele momento. O Daniel estava emocionado e totalmente convencido de que o Vladi era o nosso personagem, que finalmente a gente tinha encontrado nosso ator.

Como vocês esperam que será a reação do público?

A gente tem sempre dois grandes desafios quando começa um filme. Primeiro, fazer o melhor filme possível. O segundo é fazer com que esse filme seja visto, que chegue de fato ao público. A nossa obrigação é que ele funcione bem no Brasil, que ele saia e seja reconhecido aqui. Somando a qualidade desse filme, a potência emocional, o talento do Daniel como diretor e como o condutor dessa história, o talento e o carisma do nosso elenco, a gente acredita que está presenteando o público brasileiro com uma grande obra, que vai bater fundo nas pessoas. Ele fala da relação de pai e filho, de autoestima, sobre acreditar no seu potencial. Esse filme vai ter uma excelente acolhida pelo público brasileiro. É sofisticado e emocionante, elaborado por pessoas realmente experientes. A nossa expectativa é a melhor. **Bingo - O Rei das Manhãs** vai ficar na história do cinema brasileiro e no coração do nosso público.

CAIO GULLANE (Produtor)

O paulistano movimentou o cinema brasileiro ao abrir a Gullane há duas décadas com seu irmão Fabiano Gullane, apostando em *Bicho de Sete Cabeças* (2000), de Laís Bodanzky. São cerca de 30 longas, mais curtas e projetos televisivos. Como gerente de produção, tem no currículo obras como *Kenoma* (1998), de Eliane Caffé, *Dois Córregos - Verdades Submersas no Tempo* (1999), de Carlos Reichenbach, *Tônica Dominante* (2000), de Lina Chamie, *Durval Discos* (2002), de Anna Muylaert, e *Carandiru* (2003), de Hector Babenco.

Entre os filmes que viabilizou como produtor, estão *Através da Janela* (2000), de Tata Amaral, *Benjamin* (2003), de Monique Gardenberg, *Nina* (2004), de Heitor Dhalia, *O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger, *Querô* (2007), de Carlos Cortez, *Encarnação do Demônio* (2008), de José Mojica Marins, *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), também de Laís, *Uma História de Amor e Fúria* (2013), de Luiz Bolognesi, *o Lobo Atrás da Porta* (2013), de Fernando Coimbra, e *Que Horas Ela Volta* (2015), outro de Muylaert.

Ainda foi co-produtor do ítalo-brasileiro *Terra Vermelha* (2008), do português *Tabu* (2012), de Miguel Gomes, e do argentino *A Sorte em Suas Mãos* (2012), de Daniel Burman. A série *Alice* (2008) e *Fora de Controle* (2012) também contam com a sua produção, assim como *Crime Time: Hora de Perigo*, desenvolvida para a plataforma de streaming Studio+, desenvolvida pelo Canal+, da França.

Como vocês se envolveram com o projeto?

O Daniel Rezende é um diretor muito próximo da gente há alguns anos. Fizemos vários projetos juntos. Ele montou importantes filmes conosco aqui na Gullane e depois o convidamos para dirigir duas séries de televisão, uma para a Record (“Fora de Controle”) e outra para a HBO (“O Homem da sua Vida”, no qual foi diretor-geral). Ele sempre falou de fazer um filme junto. É um talento que a gente admira muito, tem uma amizade muito grande. E o Daniel entrou em contato com essa história do Arlindo através do Dan Klabin, que é coprodutor do filme conosco e, a partir de uma matéria da revista Piauí, trouxe a ideia da vida do Arlindo.

Como foi recriar os anos 80 em um filme?

Os anos 80 marcam uma grande mudança na televisão brasileira, carregada de autenticidade e de bastante ousadia. E o nosso personagem não é diferente disso. Nós nos inspiramos na vida do Arlindo, que é um cara que viveu de maneira muito intensa tudo isso. Mas a gente também optou por ficar livre para ficcionalizar o que a gente quisesse. A gente criou de acordo com o que a dramaturgia pedia.

Durante a preparação vocês levaram o Vladimir para se apresentar em um circo real.

Como foi essa experiência?

Tem um momento no filme no qual o Augusto (Vladimir) quer procurar a inspiração do palhaço, a mais verdadeira possível. Ele vai procurar isso em um circo de periferia e vai entender um pouco onde fica a chavinha do palhaço. E nós realmente levamos o Vladimir

para uma experiência em um circo de verdade. Ainda no ensaio combinamos com o dono do circo que o Vladimir entraria de palhaço. O Vladi tem uma trajetória extensa, já fez vários tipos de projetos, mas aquilo foi bastante particular porque o público do circo ria sem saber que estava rindo de um ator altamente conhecido. Ele estava fantasiado de palhaço e ninguém foi informado da presença dele. De certa forma foi um grande exercício para o filme. Não só por viver o palhaço, mas o Augusto, personagem do longa, só ganhou aplausos com a máscara e o Vladimir também experimentou esse gostinho de ganhar o reconhecimento do público sem associá-lo ao ator altamente conhecido que ele é. Isso o ajudou tanto a encontrar sua essência como a viver um pouco o que o filme propõe na sua dramaturgia.

DAN KLABIN (Coprodutor)

Morou seis anos em Nova York, onde se formou em Teatro e História pela New School University. Após a faculdade trabalhou como ator no New York Stage and Film, um grupo sem fins lucrativo que visa o desenvolvimento e crescimento dos artistas no mercado profissional. Através deste grupo participou da peça *References to Salvador Dalí Make Me Hot*, de Jose Rivera (autor de *Diários de Motocicleta*) e muitas outras.

Voltando ao Brasil, atuou em três longa metragens: *Meu nome não é Johnny*, ao lado de Selton Mello com direção de Mauro Lima, *Rio Sex Comedy*, ao lado de Irene Jacob, Charlotte Rampling, Bill Pullman e Fischer Stevens, dirigido por Jonathan Nossiter (onde também participou do desenvolvimento) e *Reis e Ratos*, ao lado de grandes atores como Rodrigo Santoro, Seu Jorge e Selton Mello.

Escreveu, produziu e atuou no curta *Jantar em Família*, selecionado para 33a Amostra de Cinema de São Paulo. Produziu o curta "*Nossosfilhos.com*" de Eduardo Wotzik, selecionado para o Festival do Rio e também o filme *Sunlight Jr.* estrelado por Naomi Watts e Matt Dillon, além de ser produtor associado do filme *Vermelho Russo* de Charly Braun. Também é um dos produtores e idealizadores do filme *Rio, eu te amo* e é o idealizador do filme *Bingo - O Rei das Manhãs*.

Como você se envolveu com o projeto?

Tive essa ideia ao fazer uma pesquisa sobre heróis Brasileiros. Estava procurando um personagem que fosse maior que a vida. Fiz uma pesquisa sobre heróis em filmes nacionais de maior bilheteria e o que todos tinham em comum era o fato de serem anti-

heróis: Dona Flor e Seus Dois Maridos, Jeca Tatu, Os Trapalhões. Nesse processo me veio à pergunta "quem seria esse personagem da minha geração?". Dei um Google fazendo algumas buscas e surgiu o nome Arlindo Barreto e uma excelente matéria da revista Piauí escrita pela Raquel Zangrandi que contava sua trajetória.

Quais foram os primeiros passos na produção do filme?

A produção começou com um encontro inesperado com o então editor e amigo Daniel Rezende que após ouvir a história enxergou o potencial e topou assumir a direção. O segundo passo foi montar nosso time. Nos associamos à Gullane que nos permitia ter uma estrutura adequada para tamanho desafio. Logo depois ao Ariel Elia que possibilitou o financiamento do desenvolvimento. Junto disso decidimos sob liderança do Daniel que Luiz Bolognesi seria o roteirista. A partir daí o projeto foi tomando suas formas.

Qual a expectativa para a reação do público?

Espero que o público fique surpreso, se emocione e conheça um pouco mais sobre nossa cultura. Que nos ajude a conhecer um pouco mais quem somos e de onde viemos. Acima de tudo que saiam orgulhosos do nosso cinema.

CÁSSIO AMARANTE (Diretor de Arte)

Formado em Arquitetura, ele se encontrou na cenografia em 1993, como assistente da hoje cineasta e diretora teatral Daniela Thomas na Companhia de Ópera Seca, de Gerald Thomas. Acompanhou a artista na estreia dela no cinema, como roteirista e diretora, ao lado de Walter Salles, em *Terra Estrangeira* (1995). Desde então, Amarante acumulou trabalhos também em televisão, teatro, publicidade, além de se envolver com espetáculos, videoclipes e exposições no papel de diretor de arte.

Entre os filmes dos quais participou (às vezes creditado como designer de produção), estão *Central do Brasil* (1998) e *Abril Despedaçado* (2001), também dirigidos por Salles, *Ação Entre Amigos* (1998), de Beto Brant, *Bossa Nova* (2000) e *O Casamentos de Romeu e Julieta* (2005), ambos de Bruno Barreto, *Onde a Terra Acaba* (2001), de Sérgio Machado, *Encarnação do Demônio* (2008), de José Mojica Marins (2008). No Festival de Recife de 2010, conquistou o troféu Calunga por *As Melhores Coisas do Mundo*, de Laís Bodanzky.

Com *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger, venceu o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro na sua categoria. Retomou a parceria com o

cineasta em *Xingu* (2011), sendo mais uma vez premiado no evento. Antes de *Bingo - O Rei das Manhãs*, seu último trabalho no cinema foi *A Noite da Virada* (2014), de Fábio Mendonça.

Quais os desafios de se fazer um filme passado nos anos 80?

Os filmes de época colocam a mesma pressão sobre a gente em relação à construção de um universo que não existe mais. Nesse caso, o universo dos anos 80 é suficientemente próximo aos dias de hoje para a gente conseguir uma boa coleção de automóveis, objetos, móveis, tecnologia. As câmeras que a gente usou em alguns momentos eram usadas nos anos 80. E estão vivas, funcionam, são locáveis ainda hoje em São Paulo. É uma tecnologia viva então. Essa proximidade em termos de tempo nos possibilita fazer uma coisa com bastante veracidade, com bastante fidelidade às coisas como elas eram.

Como vocês chegaram ao visual do filme?

Esse tipo de filme exige que você procure um pedaço da cidade, do ponto de vista da arquitetura e do urbanismo, em que as coisas, de alguma maneira, permaneceram preservadas. Se a gente fosse fazer um filme sobre o Brasil Colonial, talvez a gente precisasse ir para Ouro Preto ou para Parati. Nesse caso, a gente foi para a região do centro de São Paulo. Avenida São Luiz, Avenida São João, esse quadrilátero entre o Teatro Municipal e a Praça da República, até a Consolação, acabou fazendo um recorte muito bacana de um pedaço da cidade que não é exatamente anos 80, mas que era muito vivo na época e que tinha muita carga de uma arquitetura muito bacana.

Quais os desafios de se reproduzir a linguagem da televisão no cinema?

A TV Cultura entrou no filme com uma luva. Primeiro porque foi construída para ser uma televisão, portanto não é uma adaptação, é uma máquina de fazer programas de todo tipo, com camarins, estúdios, corredores, halls, estacionamento. E ela está numa condição bastante preservada, tem bastante dessa tecnologia ainda do século 20. Então, ela se mostrou uma locação ideal. E para construir o universo do Bingo e documentar isso através do cinema, a gente teve que fazer o programa mesmo. Na verdade, a gente fez um programa de televisão e mais todo o entorno, os bastidores mesmo, que é uma coisa que nunca ninguém viu. A camada do programa em si é um pano de fundo. O nosso primeiro plano é, efetivamente, a maquinária da televisão, as câmeras, os monitores, a direção, o monitoramento daquilo tudo.

VERÔNICA JULIAN (Figurinista)

Formada como figurinista pela Esmod Internacional Fashion University Group, tem vasta experiência em cinema e TV, além de atuar na área teatral e operística. No cinema, assinou desde o figurino de *Xingu* (2011), de Cao Hamburger, trabalho pelo qual foi nomeada ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro de 2011, até *Somos Tão Jovens* (2013), de Antônio Carlos de Fontoura.

Passou ainda pelo vestuário de *Castelo Ra-tim-bum* (1999), também de Hamburger, de *Vips* (2010), de Toniko Melo, de *Não Por Acaso* (2007), de Philippe Barcinski, de *Nina* (2004), de Heitor Dhalia, em parceria com Juliana Prysthon, e do recente *De Onde Eu Te Vejo* (2016), de Luiz Villaça, entre outros.

Na TV, Verônica cuidou da produção de figurino dos seriados *Antônia 1* (2006) e *Antônia 2* (2007), e *Som e Fúria* (2008), dirigido por Fernando Meirelles. Também assinou o figurino de *A Mulher do Prefeito* (2013), dirigida por Luiz Villaça com produção da O2 Filmes, e de *Felizes para Sempre?* (2014), minissérie de Euclides Marinho com direção geral de Fernando Meirelles.

Quais as inspirações para o figurino do filme?

A primeira inspiração veio da época e como as coisas realmente eram. Mas sempre com a preocupação de não fazer uma coisa igual. É uma história passada nos anos 80, então, a gente pesquisou tudo o que tinha da época. E foi tudo muito divertido. A princípio, todo mundo achava tudo horrível. A gente achou que ninguém ia topar algumas sugestões. No final, foi muito bacana porque todos super toparam aquelas roupas mais que exageradas. O próprio diretor e o Cássio, no começo, resistiram e, no fim, todo mundo ficou apaixonado pelos anos 80. Ainda bem...

Qual a importância do figurino em um filme de época como esse?

É uma peça fundamental para levarmos o espectador à época na qual estamos contando a história. O figurino compõe o personagem. E ele dá características e material para o ator compô-lo. Então, se a pessoa é mais arrojada ou mais recatada, tudo isso é contado através do figurino.

Como foi criar o figurino de um palhaço e de um circo inteiro?

No princípio, a gente fez uma pesquisa enorme sobre todo o universo do circo. Porque a gente tem dois circos. Tem circo no programa de televisão e tem um circo aonde ele vai para aprender a ser palhaço ou descobre seu talento como palhaço. Então a gente

fez uma pesquisa enorme sobre esses dois ambientes diferentes para chegarmos ao desenho do personagem. Acho que eu fiz uns quinze ou vinte desenhos. Depois que eu fiz todos os desenhos, o Daniel olhou, a gente juntou algumas coisas e montou três, eu confeccionei as três roupas e depois a gente escolheu a que está no filme.

ANNA VAN STEEN (Maquiagem)

Nos anos 1980, quando vivia em Paris, ela fazia cursos ligados ao universo do cinema, como direção de arte e figurino. Ao saber da carência de profissionais na área de maquiagem na dramaturgia brasileira, resolveu investir em estudos com esse foco, além de aprender técnicas de efeitos visuais práticos (forjar ferimentos na pele, rejuvenescer ou envelhecer um ator, criar próteses faciais, entre outras ilusões). Hoje, com um extenso currículo de filmes, programas de TV, espetáculos teatrais e comerciais, ela é um dos principais nomes da maquiagem no país.

Uma das suas especialidades são os apliques de barba e cabelo. Como no início da carreira, em *Feliz Ano Velho* (1987), de Roberto Gervitz, no qual a atriz Malu Mader interpreta duas personagens. Ou mais tarde em *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, que mostra décadas de transformações em quase todo o elenco. Também se adapta muito bem a gêneros e épocas. Seus outros trabalhos incluem *A Ostra e o Vento* (1997), de Walter Lima Jr., *Cristina Quer Casar* (2003), de Luiz Villaça, *Contra Todos* (2004), de Roberto Moreira, *O Casamento de Romeu e Julieta* (2005), de Bruno Barreto, *Antônia* (2006), de Tata Amaral, *Romance* (2008), de Guel Arraes, e *As Melhores Coisas do Mundo* (2010), de Laís Bodanzky. Voltou a trabalhar com Babenco, Meirelles e Hamburger, respectivamente em *Carandiru* (2003), *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006) e *Ensaio Sobre a Cegueira* (2008).

Suas produções mais recentes foram *Califórnia* (2015), de Marina Person, *Elis* (2016) de Hugo Prata, *Joaquim* (2017), de Marcelo Gomes, e o ainda inédito *Malasartes e o Duelo com a Morte*, de Paulo Morelli. Além de *Bingo - O Rei das Manhãs*, estreia como diretor de longas do montador Daniel Rezende, com quem trabalhou também no curta dele, *Blackout* (2008). Nos palcos, participou das montagens de *Ligações Perigosas*, *Hamlet*, *Cyrano de Bergerac*, *Tristão e Isolda* e a ópera *Pescadores de Pérolas*.

Que estudo foi feito para caracterização dos personagens?

Na caracterização das personagens do filme, eu contei enormemente com o Cássio Amarante, que me conduziu o tempo todo. A gente procurou se inspirar nos personagens

de novela, já que alguns deles trabalham em novelas no filme, pegamos todas as atrizes dos anos 80, escolhemos os tipos humanos, os atores, tudo para criar um panorama do pessoal que convivia com os personagens. Para construir a caracterização dos personagens dentro dessa época, a gente procurou não copiar nada que já fosse pré-existente. Não escolhemos uma pessoa e dissemos: “pronto, essa personagem vai ser como se fosse a Lídia Brondi”. Não, a gente tentou fazer cada personagem de acordo com o que a narrativa nos pedia. A gente foi pesquisando cada um.

Como foi o processo de maquiagem do palhaço Bingo?

Foi uma maluquice. Eu não fiquei copiando palhaço nenhum. Eu fiz pesquisa e olhava diversas imagens de palhaço, mas em nenhum momento eu escolhi copiar algum. Eu sentei com o Vladimir, peguei o pincel e deixei escorregar. Quando eu vi, ficou parecido até com um monte de outros palhaços que a gente conhecia. Mas nenhuma vez eu copiei. Eu fui lá e fiz exatamente o que o pincel resolveu fazer. Acho que o desenho saiu direitinho para o rosto do Vladimir, para a expressividade dele mesmo.

Houve algum cuidado especial na maquiagem pelo fato do filme se passar nos anos 80?

Até o universo das cores, das maquiagens, a gente procurou imitar. Muitos tons terra na maquiagem das mulheres e um pouco de rosas exagerados, coisas um pouco mais cítricas e alegres. Elas faziam umas bocas com muito gloss, mais escuras, blushes mais marcados.

SOBRE OS PRODUTORES

Gullane

Fundada em 1996, a Gullane é uma produtora de conteúdo para cinema e televisão com participação ativa no crescimento do audiovisual brasileiro. São mais de 40 projetos produzidos, sempre com o compromisso de unir o prestígio ao sucesso comercial. “O ano em que meus pais saíram de férias” de Cao Hamburger; a animação “Uma história de amor e fúria” de Luiz Bolognesi; a franquia “Até que a sorte nos separe” de Roberto Santucci; o drama “O lobo atrás da porta” de Fernando Coimbra e “Que horas ela volta?” de Anna Muylaert são alguns dos filmes realizados pela Gullane nos últimos anos. A produtora desenvolveu também projetos de séries, telefilmes e especiais de ficção e documentário em parceria com importantes emissoras. Entre eles, as séries “Alice” (HBO) “Extinções”(TV Brasil), “Fora de Controle” (Record) e “Resgate Animal”(Animal Planet).

O empenho em todas as etapas de realização permitiu à Gullane acumular mais de 200 prêmios em sua carreira, além de ter seus projetos nas seleções oficiais dos mais importantes festivais de cinema do mundo, como Cannes, Veneza, Berlim e o prêmio Emmy. Além das produções próprias, a Gullane amplia a carteira de projetos com parcerias importantes no Brasil e no exterior, com a venda de filmes brasileiros junto ao mercado estrangeiro e com a realização de coproduções internacionais.

Warner Bros. - Produção e Distribuição

WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC. é uma empresa de entretenimento totalmente integrada, com atividades em diversos países e uma das líderes mundiais na criação, produção, distribuição, licenciamento e comercialização de todas as formas de entretenimento e seus negócios relacionados. Uma empresa da Time Warner Company, o estúdio é o lar de uma das maiores coleções de marcas do mundo e está na vanguarda de todos os aspectos da indústria do entretenimento, como cinema, televisão, produção de entretenimento doméstico, DVD e Blu-ray, distribuição digital, animação, quadrinhos, jogos de videogame, licenciamento de produtos e marcas e difusão. Hoje, seu acervo - um dos mais vastos e ricos do mundo -, consiste de mais de 7.000 longas-metragens e 5 mil produções televisivas compostas de dezenas de milhares de episódios individuais.

2016 marcou o 10º ano consecutivo em que a Warner Bros. Pictures cruzou a marca mundial de US\$ 3 bilhões em bilheteria, totalizando US\$ 4,93 bilhões em receita em todo o mundo. O ano também foi o 16º consecutivo que tanto a divisão dos EUA quanto a internacional cruzaram a marca de 1 bilhão de dólares - um marco na história dessa indústria.

No Brasil, a Warner Bros. Pictures iniciou suas atividades em março de 1929 e, desde então, trouxe para o país grandes clássicos do cinema como “Casablanca”, “Meu Ódio Será sua Herança”, “Um Bonde Chamado Desejo” e “Superman”, bem como as franquias de sucesso “Matrix”, “O Senhor dos Anéis”, “Harry Potter”, “Batman”, “Se Beber, Não Case!”, “Hobbit”, além dos novos filmes do Universo DC, como “Batman vs Superman: A Origem da Justiça” e “Esquadrão “Suicida”.

A história de sucesso no Brasil inclui mais de 1.000 filmes lançados nos cinemas, com público acima de 500 milhões de pessoas. A Warner Bros. Pictures também aposta nas produções locais, tendo lançado sucessos como os filmes da Xuxa, “Os Penetras”, “Reis e Ratos”, “Lope”, “Zuzu Angel”, “Serra Pelada”, “Rio Eu Te Amo”, “A Mulher Invisível”, “O Vendedor de Sonhos”, entre outros.

Empyrean Pictures - Coprodução

A **Empyrean Pictures** é uma companhia de financiamento e produção cinematográfica. A **Empyrean** é uma das idealizadoras e coprodutora do longa-metragem *Rio Eu te Amo*. E produziu *Sunlight Jr.* estrelado por Naomi Watts e Matt Dillon, lançado pelo Samuel Goldwyn Films e Gravitas Ventures nos Estados Unidos. A **Empyrean** é afiliada a empresa de financiamento de produção **Empyre Media** que co-financiou o *Regresso*, dirigido pelo Alejandro González Iñárritu, *Dose Dupla*, estrelado por Denzel Washington e Mark Wahlberg, e *O Grande Herói*, com Mark Wahlberg. Os sócios-fundadores da empresa são Dan Klabin e Joshua Skurla.

PATROCINADORES

Bingo - O Rei das Manhãs contou com o investimento do Fundo Setorial do Audiovisual, da BB DTVM e Investimage; o patrocínio das empresas Protege e AB Concessões, que identificaram no filme uma oportunidade para falar com seu público; consolidando, cada vez mais, o cinema como uma importante ferramenta de comunicação para empresas e investidores; além do fundamental apoio da Agência Nacional do Cinema - ANCINE. Nosso "muito obrigado" a todas essas empresas e instituições que apostaram em um projeto potente e ousado, reforçando cada vez mais o compromisso com o fomento do setor audiovisual!

